

# MACHADO DE ASSIS, A CRÍTICA E O JORNALISMO: O PAPEL DO JORNAL SEGUNDO A CRÍTICA MACHADIANA

## MACHADO DE ASSIS, CRITICISM AND JOURNALISM: THE ROLE OF JOURNAL ACCORDING TO MACHADO DE ASSIS CRITICISM

**Leandro de Oliveira Lopes**

Mestre pela Universidade Federal de São Carlos

E-mail: falecomleandro@live.com

### RESUMO

O artigo traça um breve panorama da relação existente entre jornalismo e literatura pondo em destaque a importância de a crítica machadiana – normalmente dedicada a arte literária e ao teatro – ser também considerada, analiticamente, pelos estudos jornalísticos. Traz um ligeiro perfil do crítico Machado de Assis e evidencia através da apresentação e análise de passagens de “O jornal e o livro” (1859a) e “A reforma pelo jornal” (1859b), dois de seus primeiros textos críticos, a visão do jovem Machado a respeito do papel do jornal e, por conseguinte, do jornalismo. Por fim, em paralelo com o que o crítico concluiu ainda no momento de sua juventude, dá destaque ao embate jornal *versus* livro; vencido, na opinião de Machado, pelo primeiro. Este artigo, resultado de estudos voltados às análises dos textos críticos de Machado de Assis, objetiva unir jornalismo e literatura noutra frente de aproximação: o pensamento crítico de um dos mais importantes escritores brasileiros, mais comumente voltado às coisas das artes, a serviço do jornal e do jornalismo, dando-lhes a possibilidade, como disse Machado de Assis num de seus textos críticos, de “elevar a sua qualidade”. Machado de Assis, quando jovem, depositava no jornal suas esperanças de intervenção em melhoria de todos. É neste mesmo viés, através das análises de passagens dos dois artigos supracitados, que este artigo busca fomentar a discussão a respeito da importância de um jornalismo crítico e atuante.

**Palavras-chave:** crítica machadiana. Papel do jornal. Jornalismo. Discurso jornalístico. Machado de Assis.

### ABSTRACT

The article draws a brief overview of the relationship between journalism and literature, highlighting the importance of Machado de Assis criticism – usually devoted to literary art and theater – to be considered analytically by journalistic studies as well. It brings a slight profile of the critic Machado de Assis and evidences through the presentation and analysis of passages

from "The newspaper and the book" (1859a) and "The reform by the newspaper" (1859b), two of his first critical texts, young Machado about the role of the newspaper and, consequently, of journalism. Finally, in parallel with what the critic concluded at the time of his youth, he emphasizes the struggle against the newspaper versus the book; defeated, according to Machado, by the newspaper. This article, is the result of studies focused on the analysis of the critical texts of Machado de Assis, and aims to link journalism and literature on another approach. The critical thinking of one of the most important Brazilian writers, and of the newspaper and the journalism. Giving them the possibility, as Machado de Assis said in one of his critical texts, of "raising their quality." Machado de Assis, when young, deposited in the newspaper his hopes of intervention in improvement of all. In this bias, through the analyzes of passages of the two articles mentioned above, this article seeks to foment the discussion about the importance of a critical and active journalism.

**Key-words:** Machado de Assis criticism. Role of the newspaper. Journalism. Journalistic discourse. Machado de Assis.

## OS VÁRIOS ENCONTROS DE JORNALISMO E LITERATURA

João do Rio<sup>1</sup>, jornalista e escritor, já se perguntava, em 1904: “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” (VANZELLA, 2006). A relação dos dois estilos, benéfica ou não, movimenta as redações brasileiras desde, pelo menos, os séculos XVIII e XIX, “quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público” (PENA, 2007, p. 47). A união, como benefício aos donos de jornais, “proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição dos preços, o que aumentava o número de leitores” (PENA, 2007, p. 48). Já os escritores, em contrapartida, conquistavam notoriedade e elevavam seus nomes na medida em que os textos eram publicados na imprensa. Mas o encontro entre jornalismo e literatura, entretanto, não pode ser resumido só nessa atuação de mercado. Há que se considerar, por exemplo, o *jornalismo literário*, que “dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre seu significado” (PENA, 2007, p. 55). Há os que o caracterizam como a publicação de resenhas literárias em jornais. Outros que defendem significar a união, em texto, de ferramentas literárias aliadas ao discurso jornalístico. E à outros, nem o primeiro nem o segundo, mas crítica de obras literárias veiculadas em jornais<sup>2</sup>. A relação mantida por jornalismo e literatura, entretanto, a despeito da posição que se defenda, é inegável.

Machado de Assis, ainda em sua juventude, foi destes homens que, utilizando-se da imprensa, fez propagar suas primeiras ideias. “Escrevendo semanalmente para os jornais, Machado estreitou o foco da observação e análise crítica de seu tempo, conforme lhe exigia a natureza das crônicas da semana” (GRANJA, 2009, p. 76). Fez, numa ligação de um e outro, algo que para o jornalismo significou mais do que união em texto, crítica literária ou publicação de resenhas; significou (ou deveria significar) reflexão. “Ao longo de tantos anos, acreditou na Literatura e na crítica literária com função pedagógica e moralizadora, é natural que seu jornalismo apareça como espaço privilegiado” (GRANJA, 2009, p. 77). Era através de sua crítica que pretendia guiar a literatura e elevar sua qualidade. E foi assim, também, com o jornal e o jornalismo.

Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, [...] Não a temos. Há e tem havido escritos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência quotidiana e profunda que deveriam exercer. A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam (ASSIS, 1873, p. 3).

Que se introduza ao jornal (e ao jornalismo), então, para vê-lo caminhar e desenvolver, a crítica machadiana a respeito de seu papel.

## O CRÍTICO MACHADO DE ASSIS

Ressurreição, primeiro romance de Machado, é de 1872. Crisálidas, primeiro livro de poesia, de 1864<sup>3</sup>. Seus textos críticos, que se veem em jornais tais como A marmota, Diário do Rio de Janeiro, Correio Mercantil e tantos outros<sup>4</sup>, estreiam, de acordo com os registros atuais com os quais contamos, em 1858. Anterior ao estabelecimento do Machado de Assis autor, portanto, tem-se acesso ao crítico<sup>5</sup>. E se do primeiro, consagradíssimo, muito se fala, comparativamente pouco espaço se dedica ao outro. E isso, mesmo embora o estudo minucioso de sua crítica colabore, também e principalmente, para o entendimento de sua obra literária. O homem Machado de Assis, acima de seus preceitos artísticos, tinha consigo um compromisso de intervenção, e nisso via a crítica como principal aliada.

Estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada, - será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, - essas três chagas da crítica de hoje, - ponde no lugar deles a sinceridade, a solicitude e a justiça, - e só assim que teremos uma grande literatura (ASSIS, 1865, p. 1).

Neste contexto, a leitura do Machado crítico deve se dar com ciência do caráter transformador e, de certa forma, orientador, com o qual ele pretendia trabalhar. Machado de Assis, quando visto de perto, é um ser em constante compromisso com a mudança e com a evolução; a evolução por meio do conhecimento, a evolução das luzes – reconheça-se daí a França e a Revolução Francesa<sup>6</sup>. A biblioteca pessoal de Machado, arquivada e administrada pela Academia Brasileira de Letras, é exemplo da forte influência francesa em seu discurso; o acervo, predominantemente composto por obras daquele idioma, certamente ajudou a formar o poderio intelectual do jovem, que, não se sabe ao certo como, mas a despeito de sua condição social e raça, foi facundo e educado, de muito boa inserção cultural<sup>7</sup> e, como se disse, influenciado pelos pensamentos vindos do "povo mais democrático do mundo", daquela "explosão do pensamento humano" (ASSIS, 1859a, p. 1).

A crítica machadiana, uma reunião de textos dedicados majoritariamente a literatura em prosa, poesia, teatro e arte em geral, é, conclui-se, altamente intervencionista. E em “O ideal do crítico”, de 1865, tem seu manifesto. É lá que Machado traz, literalmente, seus entendimentos do que deve representar uma boa crítica. Faz referência aos "incompetentes" que naquele tempo tratam da crítica literária, previne dos perigos de ser essa crítica "estéril", e determina, atribuindo à falta de uma boa crítica, "como são raras as publicações seladas por um talento verdadeiro" (ASSIS, 1865, p. 1). Para Machado é necessário que o crítico se pautela pela "ciência e a consciência", não baseie "suas sentenças por um interesse", defenda sua convicção, "e a convicção deve formar-se tão pura e tão alta, que não sofra a ação das circunstâncias externas", diga a verdade "acima de tudo, dos sorrisos e das desatenções", seja "verdadeiramente consciencioso" e "independente em tudo e de tudo", mas também tolerante "mesmo nos terrenos das diferenças de escola", imparcial, "contra a insuficiência dos seus amigos, solícita pelo mérito dos seus adversários", moderado e urbano, porque "uma crítica que, para a expressão das suas ideias, só encontra fórmulas ásperas, pode perder as esperanças de influir e dirigir" e, no dever de sua profissão, persistente a "procurar o espírito de um livro" (ASSIS, 1856, p. 2 - 3). É assim, num ligeiro panorama, que se baseia o ser crítico de Machado de Assis.

## **A FUNÇÃO DO JORNAL, “GÉRME DE UMA REVOLUÇÃO”**

Pouco mais de nove meses antes da publicação de “A reforma pelo jornal”, em outubro de 1859, Machado de Assis assinou, no *Correio Mercantil*, artigo intitulado “O jornal e o livro”, no qual já começa a dar indícios de sua crença no jornal como meio intervencionista. O crítico Machado de Assis, tão interessante quanto o autor, defende nesses dois textos sua convicção no

papel do jornal como símbolo da república, aparato máximo de uma revolução do conhecimento. Tal leitura, comprovada por aspectos textuais, pode ser compreendida pelo então posicionamento de Machado; como admirador das luzes francesas, um inconcusso credor do papel transformador da educação. O jornal representava, para ele, a "alavanca que Arquimedes pedia para abalar o mundo"<sup>8</sup> e que o "espírito humano encontrou" (ASSIS, 1859a, p. 2).

O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é também econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as formas do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social (ASSIS, 1859a, p. 3).

Machado depositava no jornal, como faria, no futuro, com o teatro, a poesia, o conto, o romance e, mais firmemente, a crítica, sua esperança de intervenção. No momento da publicação dos dois artigos aqui tratados, evidenciam-se no jovem Machado, opiniões contrárias à aristocracia e ao regime. Impressiona, duplamente, pela clareza com que expõe suas ideias - duplamente porque já é digno de espanto que seja audacioso o suficiente para emitir tais juízos frente aos obstáculos característicos da época (regime monárquico e sociedade escravocrata), mas, principalmente, pela tenra lucidez que demonstra - em 1859 completa 20 anos.

Ao longo dos primeiros escritos de "O jornal e o livro" Machado traz à luz um conceito de narrativa que a ele parecia intrínseco às mais diversas formas de arte - noção que colabora para que se compreenda a importância do papel do jornal em seus entendimentos. Faz menção à arte rupestre, à arquitetura e à imprensa relacionando-os à necessidade humana de propagar ideias - é tal efeito que atesta a consolidação da arte, em seus mais diversos meios, como único instrumento capaz de tornar narráveis as aflições humanas. "A humanidade desde os primeiros tempos tem caminhado em busca de um meio de propagar e perpetuar a ideia. Uma pedra convenientemente levantada era o símbolo representativo de um pensamento" (ASSIS, 1859a, p. 2). Machado, para concluir o raciocínio, põe o jornal, nesta missão de propagar e contar, a frente.

A humanidade perdia a arquitetura, mas ganhava a imprensa; perdia o edifício, mas ganhava o livro. O livro era um progresso; preenchia as condições do pensamento humano? Decerto; mas faltava ainda alguma coisa [...]. O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções (ASSIS, 1859a, p. 3).

Machado já nos deu, até aqui, três importantes fragmentos de noções com as quais vai trabalhar: o conhecimento, a narratividade da arte - e também do jornal - e a propagação de ideias. O raciocínio do Machado crítico de "O jornal e o livro", fincado na importância conjunta

do trio, passa, nominalmente, por Egito, Grécia e Roma, invade a Idade Média, avança até a imprensa de Gutenberg, ovaciona o livro, e chega, como quem alcança o fim de uma epopeia, ao jornal<sup>9</sup>. Para ele o jornal é a representação do diálogo. Ao contrário da pedra, do prédio e do livro, que são estáticos e representam o monólogo, o jornal proporia o debate, poria em xeque as verdades absolutas. É a revolução tupiniquim que se apresenta. "Completa-se a emancipação da inteligência e começa a dos povos. O direito da força, o direito da autoridade bastarda consubstanciada nas individualidades dinásticas vai cair." (ASSIS, 1859a, p. 3).

Era forte, portanto, a convicção machadiana que o jornal representava um pórtico completo de revolução. Era, como se viu, a revolução literária, a econômica e a social. "O jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização. Tudo se liberta." (ASSIS, 1859a, p. 5). Cada justificativa de revolução apresentada por ele, seja no âmbito literário, no econômico ou no social, faz ver, acima de tudo, a análise em relação ao potencial do jornal e, mesmo que indiretamente, do jornalismo. "Crítica é análise"<sup>10</sup>, como se sabe. Diz, sobre o que vê de revolução literária:

A lei eterna, a faculdade radical do espírito humano, é o movimento. Quanto maior for esse movimento mais ele preenche o seu fim, mais se aproxima desses pólos dourados que ele busca há séculos. O livro é um sintoma de movimento? Decerto. Mas estará esse movimento no grau do movimento imprensa-jornal? Repugno afirmá-lo (ASSIS, 1859a, p. 4).

Machado completa, ainda comparando-o à literatura, que o jornal "é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos", onde se reflete a ideia não de um homem, "mas a ideia popular" (ASSIS, 1859a, p. 4). Como em sua atuação crítica, Machado queria ver, no jornal, transformação. Queria que funcionasse para o povo, como ele propunha, em seu trabalho crítico, funcionar para as artes - como ferramenta de intervenção; um guia pela melhoria de todos.

Quanto à revolução social, outro dos avanços do jornal na visão machadiana, o meio representa "uma forma de literatura que se apresenta aos talentos como uma tribuna universal" que ele define como "nivelamento das classes sociais" e "democracia prática pela inteligência" (ASSIS, 1859a, p. 4). São os homens de letras, outrora reféns do talento e da ausência de espaço para publicar, que agora encontram um palanque. Aí está, então, a representatividade do jornal no contexto de intervenção trabalhado na crítica machadiana. O meio, "aperfeiçoado e desenvolvido" (ASSIS, 1859a, p. 3) no século XIX, tem missão de ser mais que replicador; deve ser, enfatiza-se, ferramenta.

Em relação ao movimento econômico, nos quais são ainda mais audaciosos os entendimentos de Machado, é que o jornalismo tem ainda maior relevância. Diz:

O jornal, operando uma lenta revolução no globo, desenvolve esta indústria monetária que é a confiança, a riqueza e os melhoramentos. O crédito tem também a sua parte no jornalismo, onde se discutem todas as questões, todos os problemas da época, debaixo da ação da ideia sempre nova, sempre palpitante. O desenvolvimento do crédito quer o desenvolvimento do jornalismo, porque o jornalismo não é senão um grande banco intelectual, grande monetização da ideia, como diz um escritor moderno (ASSIS, 1859a, p. 5).

Os mais atentos jornalistas certamente percebem, neste trecho, posição clara frente a noções ainda hoje discutidas; como o valor do jornal, do jornalismo e sua missão filosófica. É a construção argumentativa de Machado, anterior à conclusão apresentada, que torna sua posição ainda mais consistente. Para a aplicação do conceito de crédito, aqui entendido não como uma relação solvível, mas como confiança e fé, desenvolve noções de comércio, dinheiro e indústria. O que se vê nas linhas predecessoras é um discurso construtor em torno deste conceito, relacionando-o e historicizando-o à aspectos característicos da evolução do sistema financeiro humano, dando valor ao seu entendimento e aplicando-o ao jornalismo e ao jornal. Segue assim o seu raciocínio: "O crédito assenta a sua base sobre esta engenhosa produção do espírito humano." (ASSIS, 1859a, p. 5) – o jornal.

Já há elementos suficientes para compreender quais eram as expectativas de Machado em relação ao jornal e seu papel social. O que se vê em "A reforma pelo jornal", porém, é de nos deixar em polvorosa. O raciocínio de "O jornal e o livro" continua e avança em ação. Começa assim:

Houve uma coisa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. Devia ser curioso vê-las quando um século despertou ao clarão deste fiat humano; era a cúpula de seu edifício que se desmoronava. Com o jornal eram incompatíveis esses parasitas da humanidade [...]. O jornal que tende à unidade humana, ao abraço comum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira... de papel, não, mas de inteligências, de aspirações (ASSIS, 1859b, p. 1).

O teor já é diferente. Já não há sensação de potencial a ser desenvolvido. O título, "A reforma pelo jornal", dá de antemão indícios do que se verá no texto; e nele Machado traça seu caminho argumentativo em torno da palavra. Utiliza-se da "palavra de Deus", predecessora, segundo os hebreus, à criação da luz, no que ele chama de "lenda do *Gênesis*" (ASSIS, 1859b, p. 1). Faz crescer, em torno dela, toda a discussão presente no texto porque escancara-a, na história da humanidade, passando por Moisés, Demóstenes, Cristo, Huss e Mirabeau<sup>11</sup>, como o "gérmen" de uma possível revolução; é, como diz, "a origem de todas as reformas" (ASSIS, 1859b, p. 1).

Em que pese o tom inflamado do jornalista que assina "O jornal e o livro", inebriado pelo próprio sucesso (e que já sabe aproveitar a ocasião para remeter a trabalhos anteriores que circulavam pela imprensa), há que se concordar que, no Brasil da época, era o jornal, e não o livro, que abria as portas para os jovens talentos, ávidos de ascensão social, como no caso do colaborador do Correio Mercantil. O livro,

mercadoria cara e de circulação restrita, sempre esteve distante do universo de expectativas dos aspirantes a escritor. Enquanto o jornal, mais democrático, era o espaço de configuração da (ainda incipiente) república das letras brasileiras, tanto no que se refere ao universo do escritor quanto ao do leitor. Em ambos os casos, a atuação do crítico, cuja voz se fazia ouvir pelas páginas dos jornais, será decisiva. Mais uma vez é de Machado de Assis que virá o exemplo, tomado de “O ideal do crítico”, publicado no ano seguinte, já agora no prestigioso *Diário do Rio de Janeiro* (AZEVEDO, 2008, p. 168).

Outro importante preceito do jornal, para Machado, é a discussão. Embora tivesse passado por esta característica no primeiro artigo de que tratamos, o crítico ainda não havia colocado o conceito com o mesmo peso com que fizera dessa vez. O que se percebe é que deposita no jornal a responsabilidade, ainda que indireta, de fazer mexer as mais diversas camadas sociais. Naquele momento o que esperava é que caísse a monarquia e levantasse a república<sup>12</sup>. Mas o que faz parecer, na verdade, é que deva ser, o jornal, capaz de revolucionar o que a sociedade julgar que necessite de revolução: "Tremem, pois, tremem com este invento que parece abranger os séculos - e rasgar desde já um horizonte largo às aspirações cívicas, às inteligências populares" (ASSIS, 1859b, p. 2).

O que parece, ao ter-se contato com esses tratamentos machadianos, é que se estuda relato escrito no último mês ou ano. Não é demais recordar que estamos analisando material de 1859, de um jovem Machado de Assis de apenas 20 anos – e que hoje, nos tempos que vivemos, faz-se tão contemporâneo. Há que se relevar esse nosso deslize porque a característica que nos leva a ele é a relevância e a atualidade do estudo. Na sequência, diz Machado: "E se quisessem suprimi-lo? Não seria mau para eles; o fechamento da imprensa, e a supressão de sua liberdade" (ASSIS, 1859b, p. 2). Não será necessário que se discorra sobre os motivos e as causas da censura na imprensa brasileira – mas apenas que se diga que Machado já previra isso também.

Mas como! cortar as asas de águia que se lança no infinito, seria uma tarefa absurda, e, desculpem a expressão, um cometimento parvo. Os pergaminhos já não são asas de Ícaro. Mudaram as cenas; o talento tem asas próprias para voar; senso bastante para aquilatar as culpas aristocráticas e as proibidades cívicas (ASSIS, 1859b, p. 2).

"Um cometimento parvo", ele diz não sem desculpar-se ante ao suposto insulto. Engana-se quem o tira por ingênuo. Machado faz questão de alertar que embora procedam estas ideias já expostas, "o jornal aqui não está à altura da sua missão; pesa-lhe ainda o último elo. Às vezes leva a exigência até à letra maiúscula de um título de fidalgo. Cortesia fina em abono da verdade" (ASSIS, 1859b, p. 2). O último elo, de origem jornalística, assumamos, é que ainda pesa para que o jornal e o jornalismo não atinjam o que para eles Machado definiu. “Cortesia fina em abono da verdade”. Em tempos de efervescência, como os atuais, isso fica ainda mais evidente. Mas seu texto não acabaria assim. Há, sabemos, aquele intento interventor. Então diz:



"Mas, não importa! eu não creio no destino individual, mas aceito o destino coletivo da humanidade. Há um pólo atraente e fases a atravessar. - Cumpre vencer o caminho a todo custo; no fim há sempre uma tenda para descansar, e uma relva para dormir" (ASSIS, 1859b, p. 2 – 3).

É a palavra, como a que invocou de Deus, que lhe mantém a esperança: "O verbo é a origem de todas as reformas" (ASSIS, 1859b, p. 2). É intervenção.

"A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. [...] Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa" (ASSIS, 1859b, p. 2).

### **“O JORNAL DEVORARÁ O LIVRO”**

Nos entendimentos machadianos a respeito do jornal há outra categórica afirmação: "o jornal devorará o livro? [...] não repugno admiti-lo" (ASSIS, 1859a, p. 2). Esta convicção, mais uma vez de discussão absolutamente contemporânea, é construída fundamentalmente em seus conceitos que tratam o jornal por representante, além de econômica e social, de uma revolução também literária. O raciocínio que se ocupa de relacionar jornal e literatura traça caminho, até posicionar-se pela superioridade do primeiro, através do que o crítico entende por necessidade humana pelo movimento.

O livro não está decerto nessas condições; - há aí alguma coisa de limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é - movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal (ASSIS, 1859a, p. 4).

Machado esperava que o jornal fosse capaz de suplantar o livro e a vontade humana de consumi-lo. Sua certeza era forçosamente dedutiva, já que vinha traçando, como vimos, diversos pontos em que o jornal se mostrava, para ele, superior aos outros meios em que o ser humano decidiu contar e propagar suas histórias. A admissão machadiana que o jornal seria capaz de nulificar o livro se dá por essa superioridade em acalantar o espírito humano - sedento por movimento.

Machado conclui pela superioridade do jornal (embora tenha admitido faltarem evoluções para que se alcance seu modelo ideal) porque espera dele uma completa rede de possibilidades que, a seu ver, não podem ser correspondidas pelo livro. O jornal não era só superior ao livro, não era só um catalisador duma revolução ou simples ferramenta; era a ferramenta derradeira, a própria revolução que se faria erguer. "[...] É a forma que convém mais

que nenhuma outra ao espírito humano." (ASSIS, 1859a, p. 5). O jornal representava a discussão. A promessa diária de uma dose de conhecimento. O movimento que o livro, a pedra, ou a catedral (arquitetura) jamais poderiam oferecer: discussão.

E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o status quo, de todos os falsos princípios dominantes. Desde que uma coisa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda. Ora, a discussão, que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal, é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade (ASSIS, 1859b, p. 1).

É preciso que se diga que os estudos machadianos não foram extremistas nem em sua literatura, porque admitia receber e utilizar de tudo um pouco (independente de escola literária, interessava-lhe o que era bom<sup>13</sup>), nem em sua crítica, porque sabia enxergar possibilidades. A sua convicção de superioridade do jornal não lhe impedia enxergar espaço para o livro. "Admitido o aniquilamento do livro pelo jornal, esse aniquilamento não pode ser total. Seria loucura admiti-lo". (ASSIS, 1859a, p. 5). Se ainda há espaço para arquitetura, projeta seu raciocínio, haverá de encontrar, o livro, também, o seu lugar. A superioridade de um em relação a outro não é gratuita. Para Machado, "são as circunstâncias, são as tendências dos povos", o que ele chama de "profecia dos fatos" que a determina (ASSIS, 1859a, p. 5). Não a toa, para corroborar com Machado, por aqui lhe demos o apelido de "o quarto poder".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção do jovem Machado em relação ao jornal traça seu caminho num raciocínio firme e atuante. Suas análises, que podem ser contemporaneamente atribuídas ao jornalismo, fazem crer, de "O jornal e o livro" (1859a) e "A reforma pelo jornal" (1859b) que Machado enxergava no meio um modo de disseminação do conhecimento. O grande avanço machadiano, quando visto por olhos jornalísticos, é a crença que se encontra inerente às suas críticas. Todo profissional de imprensa, veterano ou calouro, sonha em interferir. Fazer pensar os seus leitores, ouvintes ou telespectadores. Ser ativo pelas mudanças de seu país e ser, também, disseminador do conhecimento. É este o sonho de um jornalista ainda quente pela paixão da profissão. Não influenciar, mas intervir. Ser, ele também, ferramenta.

A conclusão de Machado quanto à superioridade do jornal em relação ao livro diz muito sobre isso. Não é de se supor, no imaginário popular machadiano, que o escritor – como o conhecem aqueles que não se dedicam a estudá-lo, tenha deferido por essa superioridade; sua posição, firme, embora realista em ressalvas, representa para o jornalismo um banho de ânimo. O

espírito machadiano, do crítico, do interventor, é o que todo jornalista deve ter em si, ou, ao menos, quando fadigado, almejar recuperar. O profissional que hoje atua nas redações brasileiras não pode se esquecer desse espírito, embora pareça, às vezes, nem ao menos conhecê-lo.

O jovem Machado não se atentou, diga-se, que a sociedade sua, contemporânea à ele, não seria capaz de operar tal revolução pelas páginas do jornal porque, como se sabe, o analfabetismo estava presente em números alarmantes; não nos esqueçamos do período de relações escravocratas do qual estamos tratando. O que não diminui o ganho, talvez filosófico, que o crítico ergue ao jornal em referência à sua missão intervencionista e esclarecedora da realidade. Anos mais tarde, mais maduro, Machado chamaria a opinião pública, fazendo menção a 70% de analfabetos, de “metáfora sem base” (ASSIS, 1876).

Os entendimentos de que Machado teria sido, em sua obra, omissos quanto a causas sociais já não se sustentam há um tempo. Análises sociológicas de seus textos são muitas. Este trabalho, e as conclusões que dele resultam, visam contribuir, um tanto mais, para que se consolide, e desta vez com direta relação com o jornal e o jornalismo, a visão de um Machado de Assis preocupado e atuante. Faz bem ressaltar que o crítico, com mais idade, perdeu o entusiasmo pelo jornalismo. “Mais tarde, com a experiência adquirida na prática jornalística, ele atuou em outra frente”, já calejado pelo meio, cobrava “em nome da população a dívida democrática contraída pela imprensa” porque o jornalismo havia “privilegiado em seu certame noticioso os donos do poder e o sensacionalismo” em detrimento a seu papel disseminador (DA SILVA, 2005, p. 10). O espírito do jovem Machado não poderia morrer, mas morreu. O jornalismo o matou. O jornalismo ainda está em dívida com o povo. Decepcionamos Machado de Assis; o jovem. O maduro já nos dava pouco crédito. É tempo de retomar o bom caminho.

## NOTAS

- 1 João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, de pseudônimo João do Rio, foi jornalista, cronista, contista e teatrólogo. Nascido no Rio de Janeiro, em 1881, é considerado, graças a grande popularidade de seus textos nos jornais da época, o maior jornalista de seu tempo. Em <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em: 01 julho 2015.
- 2 PENA, 2007, p. 55
- 3 Em <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em: 20 junho 2015.
- 4 Em <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em: 20 junho 2015.
- 5 Recentemente o Professor Dr. Wilton José Marques, da Universidade Federal de São Carlos, descobriu o registro de publicação mais antigo assinado por Machado de Assis no Correio Mercantil; datado de 9 de setembro de 1856. Na ocasião, como se verá na nota de rodapé nº 7, Machado publica poema intitulado “O Grito do Ipiranga” (é claro que a composição total do autor Machado de Assis, como a

conhecemos, não se verá no referido poema. É por esta causa, inclusive, que este estudo atribui o contato inicial de seus leitores com sua atuação crítica).

- 6 É possível notar a influência da Revolução Francesa no discurso crítico de Machado de Assis. Há trecho, em “O jornal e o livro”, que torna explícito este contato. “É a época das regenerações. A Revolução Francesa, o estrondo maior dos tempos europeus, na bela expressão do poeta de Jocelyn, foi o passo da humanidade para entrar neste século” (ASSIS, 1859a, p. 2).
- 7 Filho do operário Francisco José de Assis e de Maria Leopoldina Machado de Assis, Machado, nascido em 21 de junho de 1839 (sociedade escravocrata), era negro, de poucos recursos e, mesmo assim, como exemplifica o texto recém-descoberto pelo Professor Dr. Wilton José Marques, da UFSCar (ver nota de rodapé nº 5), tinha, ainda moço, algum espaço no cenário cultural, além de, referencialmente, grande repertório intelectual; os aspectos textuais do poema, se pouco colaboram para que se enxergue o Machado crítico, liberal, republicano - e bem pudera, tamanha mocidade - ao menos fazem notar o tal poderio e o espaço já conquistado por ele na época.
- 8 A história de Arquimedes, contada pelo escritor grego Plutarco, dá conta de que, ao utilizar-se de um ponto de apoio e um sistema de roldanas para mover uma nau de mais de 4.000 toneladas, Arquimedes teria dito: "Deem-me um ponto de apoio e uma alavanca e moverei a terra" (STRATHERN, 1998, p. 29).
- 9 Machado relaciona as conquistas arquitetônicas de Egito, Grécia e Roma, passando pela catedral, pela imprensa de Gutenberg e pelo livro, até desembarcar, por conseguinte de evolução, no jornal (ASSIS, O jornal e o livro, p. 2-3).
- 10 ASSIS, O ideal do crítico, p. 1.
- 11 As histórias a que Machado faz referência tratam de Moisés, hebreu, líder religioso, Demóstenes, orador e político grego, Cristo, figura central do cristianismo, Huss, escritor e filósofo, um dos propagadores do movimento protestante e Mirabeau, escritor, político e ativista da Revolução Francesa; todas elas com forte relação com a palavra e seu poder de convencimento.
- 12 Machado não esconde seu posicionamento político. Ao contrário, escancara-o. Tratando da Revolução Francesa, diz: “O que era a Revolução Francesa senão a ideia que se fazia república, o espírito humano tomava a toga democrática pelas mãos do povo mais democrático do mundo? Se o pensamento se fazia liberal é que tomava a sua verdadeira face. A humanidade, antes de tudo, é republicana” (ASSIS, 189a, p. 1).
- 13 Machado de Assis, embora seja comumente caracterizado como escritor realista (mesmo embora, em algumas obras, tenha rechaçado o movimento), não pode ser apreendido por uma simples categorização. O próprio Machado, em seus escritos, faz entender que para ele o que importa é ser o texto de boa qualidade. É o que se vê circunscrito num pequeno trecho de “A nova geração”. Segue: “Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição” (ASSIS, 1879, p. 21).

## REFERÊNCIAS

- Academia Brasileira de Letras. *Obras de Machado de Assis*. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br/>> Acesso em 20 junho 2015.
- \_\_\_\_\_. BARRETO, Paulo. Pseudônimo João do Rio. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em 01 julho 2015.

ASSIS, Machado de. “O jornal e o livro”. Texto fonte: Obra completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente em *O Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 e 12/01/1859 Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr13.pdf>> Acesso em 01 agosto 2015.

\_\_\_\_\_. “A reforma pelo jornal.” Texto fonte: Obra completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente em *O Espelho*, Rio de Janeiro, 23/10/1859 Disponível em:<<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr14.pdf>> Acesso em 01 agosto 2015.

\_\_\_\_\_. “O ideal do crítico”. Texto fonte: Obra completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente no *Diário do Rio de Janeiro*, 08/10/1865 Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact13.pdf>> Acesso em 01 agosto 2015.

\_\_\_\_\_. “Notícia da atual literatura brasileira”. Instinto de nacionalidade. Texto Fonte: Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V. III, 1994. Publicado originalmente em *O Novo Mundo*, 24/03/1873 Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact25.pdf>> Acesso em: 01 agosto 2015.

\_\_\_\_\_. “História de quinze dias”. Texto fonte: Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V. III, 1994. Publicado originalmente na *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, de 01/07/1876 a 01/01/1878 Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/html/cronica/macr07.htm>> Acesso em: 02 agosto 2015.

\_\_\_\_\_. “A nova geração”. Texto fonte: Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente na *Revista Brasileira*, vol.II, dezembro de 1879 Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact29.pdf>> Acesso em: 02 agosto 2015.

AZEVEDO, Sílvia Maria. Machado de Assis entre o jornal e o livro. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, v. 16, p. 167-177, 2008.

DA SILVA, Marcos Fabrício Lopes. Machado de Assis, o Crítico da Imprensa: o jornal entre palmas e piparotes. Em Tese, v. 10, p. 139-145, 2012.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis, jornalista: o homem, o texto, o tempo. Olho d'água, v. 1, n. 2, 2010.

PENA, Felipe. *O jornalismo literário como gênero e conceito*. Revista Contracampo, v. 2, n. 17, p. 43 – 58, 2007.

STRATHERN, Paul. *Arquimedes e a alavanca em 90 minutos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.

VANZELLA, Camila. *A saga dos jornalistas escritores*. Revista PJ:Br Jornalismo Brasileiro. 6ª ed. 2006. Disponível em <[http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/resenhas6\\_d.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/resenhas6_d.htm)> Acesso em 30 junho 2015.